

Discurso de encerramento de titularidade da Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência em 28 de março de 2018, na Sala do Conselho Universitário da USP

Eliana Sousa Silva

Bom dia a todas e todos aqui presentes!

Saúdo o reitor Vahan Agopyan, e toda governança da USP, a direção do IEA, os professores Paulo Saldiva e Ary Plonski, e ao comitê de governança da Cátedra Olavo Setubal de arte, cultura e ciência, especialmente o Itau Cultural, na pessoa de Eduardo Saron, pela possibilidade de atuar durante o período de um ano no espaço dessa Cátedra. Cumprimento Helena Nader e Paulo Herkenhoff, os novos catedráticos. Saibam que tenho grande admiração, respeito, carinho e reconhecimento pelas trajetórias de cada um de vocês que, de campos profissionais distintos, se destacam pela dedicação e originalidade com que exercem os seus ofícios.

Esse foi um ano marcado por muitas descobertas e encontros. Não posso negar que minha chegada ao IEA foi permeada, num primeiro momento, por certo estranhamento. Trazia comigo algumas dúvidas sobre como seria a minha inserção na dinâmica do trabalho da Cátedra e, ainda, se eu conseguiria ter uma boa sinergia com os professores, professoras, alunos e técnicos dos diferentes setores ou projetos em realização no Instituto. Para minha alegria, o ambiente de trabalho que encontrei no IEA foi de muito acolhimento, abertura e cooperação. Sou muito grata, portanto, ao Rafael, Terezinha, Marisa, Fernanda, Aziz, dona Raimunda, citando apenas alguns dos profissionais com quem trabalhei diretamente.

Trago o nome do professor Martin Grossmann, nesse contexto, para dar o real significado e qualificar o sentido de encontros e descobertas que caracterizaram minha passagem no IEA/ USP. Na

realidade, quero registrar e agradecer a sua dedicação, respeito e abertura, Martin, nesse nosso percurso, até aqui. Eu não tenho dúvidas de que eu não conseguiria materializar os projetos que estamos desenvolvendo se não fosse o seu comprometimento e empenho em tornar realidade cada uma das ideias que partilhei com você.

Aproveito a oportunidade de estar fechando um ciclo hoje com a chegada de novos catedráticos e partilho um pouco das escolhas que fiz no período que estive a frente da Cátedra. O sentido maior da minha atuação foi pautar dentro da USP, a partir do IEA, a necessidade de se reconhecer a produção artística, cultural, mas também, social, econômica das periferias. Periferia é potência. Esse é o paradigma que sustenta o meu sentir e agir. Nesse sentido, coloquei como desafio contribuir, em certa medida, na reflexão sobre a relação da universidade com a sociedade; a partir das questões que pautam, por exemplo, as percepções/representações da comunidade universitária sobre quem e como vivem os moradores das comunidades São Remo, Keralux e Vila Guaraciaba, vizinhas a USP e, também dessas populações em relação a universidade.

Lembro que a primeira vez que estive com o professor Vahan para falarmos da minha chegada a Cátedra ele mencionou que uma das suas prioridades de gestão era, justamente, buscar uma aproximação com as comunidades localizadas ao lado da USP, chamando atenção, desse modo, para o papel social que a universidade deve cumprir.

Nesse sentido, três projetos caracterizam minha inserção na Cátedra no período: (1) o ciclo de diálogos que chamei de "Centralidades Periféricas" (2) Conexões com as Periferias" e (3) Pontes e Vivências de Saberes. Essa três iniciativas apresentam, de maneira complementar, possibilidades de pautarmos o tema da periferia dentro da USP e podem, de forma gradativa, contribuir para que se admita a urgência de atuarmos nesse espaço acadêmico, a

partir do reconhecimento de que as periferias carregam na sua essência a capacidade de inventividade e resiliência; sendo fundamental desenvolvermos um olhar que vá além das representações tradicionais a respeito dessas populações que podemos resumir numa única visão que se encerra nas ideias de carência e ausência. Fundamental pontuar que esses projetos só conseguiram ser materializados pelo reforço de recursos que conseguimos agregar do Itau Cultural, da Fundação Tide Setubal e da reitoria da USP que disponibilizou 28 bolsas para alunos de graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado que se engajaram nessas três frentes de trabalho. Sendo esses, alunos da universidade oriundos de diferentes periferias de São Paulo.

Como é sabido, vivemos um momento de muito desalento em nosso país, com fatos cotidianos, não preciso nomeá-los aqui, que estampam tragédias, desastres e muitas violações direitos que atingem, basicamente, os moradores de favelas e periferias. Por isso, considero fundamental refletir o papel que universidade pode cumprir como espaço de produção de conhecimento e projeção de mudanças e possibilidades a partir da produção das ciências. Como fazer dialogar e dar sentido ao que é produzido nesse espaço com as demandas reais que temos hoje como sociedade? Como um espaço que tem como missão produzir conhecimento pode contribuir para a reflexão e ação sobre a urgência de superar questões críticas que caracterizam e estruturam de forma perversa a sociedade brasileira desde a sua gênese? Falo do racismo e da desigualdade social que vem perpetuando violências as quais nos colocam no lugar de país onde mais se mata por arma de fogo. Não podemos ter orgulho de um país que negligencia com quem nele nasce, tampouco podemos naturalizar o fato de 62 mil pessoas serem assassinadas, anualmente, em contextos de confrontos armados onde o Estado é parte geradora desses homicídios.

Como uma mulher nascida no interior da Paraíba, filha de pais semiletrados, criada numa favela e estudante de escola pública, reafirmo, como já disse outras vezes, que outra universidade é possível, que outra cidade é possível, que outro Brasil e mundo é possível.

Nesse espírito, sempre que me vejo em contextos o qual há o reconhecimento do meu trabalho profissional, acadêmico e de ativismo social, como ocorreu quando me escolheram para ser parte do projeto da Cátedra; um espaço, talvez, inimaginável para alguém com a minha origem, é que me sinto na obrigação de afirmar algo que é parte de mim, que diz respeito a minha raiz. Trago para esse momento, portanto, a força feminina que cada vez mais se levanta nesse país e mundo. Presentifico aqui a energia das mulheres, crianças, jovens, negros e indígenas das favelas e periferias. Reafirmo a força da democracia que buscamos e pela qual luto pela sua materialidade todos os dias. Porque sou uma mulher que acredita na energia e força que cada um de nós carrega, com as dores e as alegrias que isso significa, trazendo um pouco de poesia a essa fala.

Termino essas palavras agradecendo mais uma vez a oportunidade de estar aqui. Espero que meu trabalho e engajamento na Cátedra possa ter contribuído, de algum modo, para a percepção de que a universidade pode e deve ser mais aberta, mais democrática, mais negra e, portanto, menos desigual.

Muito obrigada.